

O SUICÍDIO: UMA OUTRA VISÃO PERANTE A MORTE

Sidnei Shirosaki

Faculdade Unida de Suzano(sidnei.shirosaki@uniesp.edu.br)

Resumo

A morte é tratada de forma diferente por diversos povos, mas sempre com muito misticismo. Considerada tão incompreensível quanto inevitável, os mistérios que a envolvem são partes do enigma da alma e da vida em si, despertando a curiosidade e o medo no coração das pessoas. Para entender os mistérios que envolvem a morte é preciso, num primeiro momento, entender o que é a vida e o que ela representa para cada um de nós. Se entendermos a vida como o maior bem que podemos cultivar, como admitir abrir mão deste “bem maior ?” O que leva o homem a desistir da vida ? Essas indagações serão discutidas nesse artigo que não visa encontrar respostas, mas levantar alguns pontos relevantes a serem analisados.

Palavras – Chave

Morte, vida, suicídio

Os mistérios que envolvem vida e morte

Encontramos nos dicionários e enciclopédias a seguinte definição: **morte** (do latim *mors*), cessamento permanente das atividades biológicas necessárias à manutenção da vida de um organismo. Porém essa definição não é suficiente para responder às nossas indagações.

O que é a morte? Essa é uma pergunta que atormenta o homem e que é tema recorrente de discussões filosóficas e religiosas. A morte é tratada de forma diferente por diversos povos, mas sempre com muito misticismo, sendo, a cada um deles, comum a existência de um ritual próprio com objetivos diferentes. A morte é considerada tão incompreensível quanto inevitável. O mistério que a envolve é parte do enigma da alma e da vida em si, despertando no homem a curiosidade e o medo.

Antes de tentar chegar a uma conclusão sobre a pergunta “O que é a morte?” devemos primeiro nos

perguntar: “O que é a vida?” De acordo como vemos a vida e a noção que temos do que ela representa, poderemos ter várias maneiras de encarar o seu fim (se é que há fim).

Todas essas indagações dependem muito do conceito religioso e filosófico de cada um; para uma pessoa a quem a vida consiste de ganhos materiais, a morte de fato representa o fim, a hora em que as realizações humanas cessam; porém para uma pessoa a quem a vida consiste de realizações espirituais, a vida jamais termina, pois a morte é na verdade uma continuação da vida numa nova forma, sublime e mais elevada. Nesse caso, ao considerarmos a morte como uma passagem para outra vida, nos deparamos com a pergunta: O que vem após?

Analisando no campo religioso, encontramos no cristianismo menções sobre a morte como algo inevitável, momento em que tudo se acaba, o fim da vida e de todas as

realizações, momento em o espírito permanecerá à espera do juízo final.

Porque os que estão vivos sabem que vão morrer, porém os mortos não sabem mais nada; nem dali por diante eles têm alguma recompensa, porque a sua memória ficou entregue ao esquecimento. Também o amor e o ódio, a inveja pereceu juntamente com eles, e não têm parte neste século, nem tampouco em obra alguma que se faz debaixo do sol. Faze com presteza tudo quanto pode fazer a tua mão, porque na sepultura, para onde te precipitas, não haverá nem obra, nem razão, nem sabedoria, nem ciência. Eclesiastes 9:5, 6 e 10

Outra citação bíblica fala sobre a ressurreição e o encontro com Deus fazendo menção a existência do céu e a certeza de que os arrependidos se encontrarão nele e ficarão ao lado do criador.

Porque o mesmo Senhor, ao mando de Deus, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, descera do céu; os que morreram em Cristo, ressuscitarão primeiro; depois, nós os que vivemos, os que ficamos, seremos arrebatados juntamente com eles sobre as nuvens, ao encontro de Cristo, nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Tessalonicenses 4:15-16

Outras religiões, como o Budismo, encaram a morte como um dos aspectos da vida, não havendo por que temê-la. Ela representa um estado latente durante o qual as energias são recarregadas para o renascimento de uma nova vida.

Segundo o budismo, a vida é eterna. Ela não acaba com a morte.

Na doutrina islâmica a existência humana continua após a morte do corpo na forma de ressurreição física e espiritual. Existe uma relação direta entre a conduta na terra e a vida após a morte. A vida após a morte será de recompensas e punições correspondentes à conduta terrena.

Segundo o pensamento Judaico, a vida é considerada um corredor que conduz a um mundo onde o homem será julgado e sua alma continuará florescendo. Em virtude das ações nesta vida decide-se o destino do homem no mundo por vir. A morte é considerada uma parte da Criação em que vida e morte formam um todo, complementando-se uma à outra.

Como observamos, a morte é assunto recorrente nas discussões religiosas e também filosóficas. Para o grande filósofo Sócrates, a morte é fundamental porque permite que a alma se distancie novamente da matéria, e, na esfera essencial, alcance o verdadeiro conhecimento; só então o ser será livre para atingir o saber em sua forma mais pura. Ele acreditava que por este motivo, os filósofos genuínos estavam prontos para morrer, pois desejavam, mais que ninguém, conhecer a essência da existência humana.

Segundo Platão (Florido, 1999), no diálogo de Fédon em que se relatam os últimos dias de Sócrates antes de sua morte, ele diz que em vez de condoer-se, sentiu-se feliz, isso porque Sócrates encontrava-se sereno e tranquilo, convencido de que desfrutaria no Hades uma felicidade que nunca ninguém desfrutara.

Sócrates dizia que se não acreditasse encontrar noutra vida deuses bons e homens sábios, seria

inconcebível não lamentar morrer, porém, tinha a certeza de que se juntaria aos justos e que morreria tendo a esperança de que existe alguma coisa depois da vida e que os bons seriam mais bem tratados que os maus. Para Sócrates, os verdadeiros filósofos trabalhavam durante toda a vida na preparação para morte, uma vez que ela consistia na separação da alma, do corpo; portanto, o desapego às coisas materiais em busca do verdadeiro sentido da vida no campo espiritual.

Para o filósofo, desapegar-se das coisas materiais era essencial para atingir-se um plano mais elevado, pois o corpo oferece mil obstáculos pela necessidade que temos de sustentá-lo, enquanto a morte, com o distanciamento do corpo, da alma, provoca o fim desses obstáculos, sendo assim incoerente a tristeza diante dela.

Como podemos concluir, o medo e o pesar diante da morte dependem muito dos nossos valores individuais, das nossas crenças e ao apego às coisas materiais. Da mesma forma que os filósofos encontravam na morte a solução para os obstáculos numa busca de um nível espiritual mais elevado, algumas pessoas se apegam a vida e prendem-se às coisas materiais. Para essas pessoas a morte pode ter um peso maior, uma vez que representa o fim aos prazeres que elas proporcionam.

Já tive medo da morte. Hoje não tenho mais. O que sinto é uma enorme tristeza. Concordo com Mário Quintana: "Morrer, que me importa? (...) O diabo é deixar de viver." A vida é tão boa! Não quero ir embora...**Rubem Alves:** *Texto publicado no jornal "Folha de São Paulo", Caderno "Sinapse" do dia 12-10-03. fls 3.*

Embora a morte seja fonte de mistério e medo e que aparentemente somente os filósofos ou ricos de espíritos conseguem encará-la de forma natural, algumas pessoas podem caminhar em seu encontro dependendo da situação à que é exposto. O escritor Arthur Schopenhauer afirma que: "A intensidade das paixões pode pôr de lado todas as considerações, vencer todos os medos para satisfazer os seus desejos, arriscar a vida sem hesitar, e até, se esse desejo lhe é recusado, sacrificar a própria vida." (SCHOPENHAUER, 2001)

O suicídio

Considerando como o bem mais valioso que o homem pode preservar, é difícil explicar os motivos que podem levá-lo a pôr fim à própria vida. Que motivos poderiam levar uma pessoa a um ato tão extremo? O suicídio é uma decisão individual movida por fatores psicológicos ou está inserido num contexto social?

Segundo Durkheim (1973), para estudarmos as causas do suicídio é importante primeiro definir o que é o suicídio; segundo ele, podemos chamar de suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato contra a própria vida em que a vítima sabia e desejava produzir o resultado.

Podemos observar, porém, algumas ambiguidades. Durkheim observa que os casos em que por algum motivo, desespero ou desgosto, a vítima resolve por fim a sua vida é diferente dos casos em que ela sabia o resultado, mas não o desejava. O soldado que dá sua vida em defesa dos seus companheiros ou da mãe que morre para salvar o filho são casos em que o objetivo não era morrer embora ela soubesse que o resultado seria a morte, podemos

chamar esses casos de suicídio? Embora encontremos algumas divergências, vamos descartar esses casos e deixar de lado essa discussão, analisaremos o suicídio somente como um ato de desespero de alguém a quem a vida já não interessa.

Durkheim analisa o suicídio como fenômeno social, uma vez que se observa no decorrer da história vários casos de suicídio relacionados a algum fato motivador. Ele afirma que cada sociedade tem em cada momento da sua história, uma aptidão para o suicídio, porém que é muito difícil determinar o real motivo que levou uma pessoa a tirar sua própria vida, não descartando completamente os fatores individuais. Segundo ele, seja o amor não correspondido, o apego ao trabalho ou outra causa qualquer, não só os exemplos literários apresentam-nos a morte voluntária como resultante de motivações individuais, como também isso se dá quando se trata de casos reais de suicídio.

Durkheim observa que há uma dificuldade muito grande em definir as reais causas do suicídio, pois é difícil saber que motivo determinou o agente, e se ao tomar a decisão, ele desejava realmente aquele fim ou se tinha outro motivo em vista. Para ele, a intenção é algo demasiado íntimo e que no máximo podemos chegar a aproximações grosseiras sobre os verdadeiros motivadores do ato.

O suicídio, assim como a morte de maneira geral, desperta a curiosidade e é tema de várias discussões, seja no campo da sociologia, da religião, da imprensa, enfim, é assunto recorrente em todas as áreas do conhecimento. Arthur Dapieve, colunista do jornal *O Globo* e professor da PUC-Rio, em uma entrevista ao “Observatório da imprensa”, observa o contágio que o

suicídio pode causar. Nessa entrevista ele faz um relato sobre o suicídio de um casal em 1732, em Londres, em que após matar o filho de dois anos, marido e mulher se enforcaram lado a lado – não sem antes deixar dinheiro reservado para os cuidados com um cão e um gato, como explicitado num bilhete.

Embora fale sobre o “contágio” nos casos de suicídio, ele refuta essa ideia, alegando que somente uma pessoa já pré-disposta ao suicídio cometeria tal ato. Segundo o escritor e jornalista, ninguém que já não pensasse em se matar, o faria após ler ou ouvir algo sobre algum suicídio. Um caso público apenas pode servir como gatilho para desencadear processos já latentes. Seria o mesmo imaginar que não se deve noticiar casos de violência porque eles podem estimular outros casos de violência.

Como mencionamos anteriormente, segundo o escritor Schopenhauer (2001), a intensidade das paixões pode levar o indivíduo ao sacrifício da própria vida. A paixão não correspondida pode ser um motivador para um ato extremo; subestimar o poder da paixão, e dizer que o amor apaixonado é como os fantasmas de que todos falam, mas que ninguém viu, é cometer um grande erro.

De acordo com Schopenhauer, é grande o número de casos em que a paixão leva suas vítimas ao manicômio e a cada ano verificam-se diversos casos de suicídio simultâneo de dois amantes desesperados por circunstâncias externas que os separam, atitude incompreensível na visão do escritor.

[...] jamais entendi como duas pessoas que se amam e esperam encontrar nesse amor a suprema felicidade, não preferem romper de vez com todas as convenções sociais e enfrentar todas as

situações, a renunciar, abandonando a vida, a uma felicidade além da qual nada mais podem imaginar. (SCHOPENHAUER, 2001 p. 80.)

Segundo matéria publicada na Revista “Espaço Acadêmico” (2005), o suicídio é também tema presente na literatura, nela os personagens buscam a morte voluntária motivada por razões aparentemente individuais em que o amor impossível ou não correspondido apresentam-se como motes preferidos, porém observa que além das motivações individuais que induzem ao suicídio é preciso compreender as sociedades nas quais se inserem estes indivíduos, num conceito de tempo e espaço.

Considerações Finais

Embora tenhamos abordado a questão do suicídio sob o ponto de vista individual, bem como do ponto de vista coletivo sob a influência do contágio dentro de um contexto social; ou ainda, influenciado pela literatura; não tentaremos chegar a uma conclusão sobre o assunto. Não é intenção deste trabalho encontrar explicações ou definir os motivos que podem levar o homem ao suicídio. A intenção é somente levantar alguns pontos relevantes a serem analisados. Como verificamos no decorrer do artigo, esse assunto envolve muitos mistérios da natureza humana. Como saber que motivos levaria uma pessoa a cometer um ato tão extremo? Essa é mais uma das inúmeras perguntas que fazem parte dos grandes mistérios do

universo e que talvez jamais tenha resposta.

Referências bibliográficas

DAPIEVE, Arthur. Entrevista à **Revista Observatório da Imprensa** em 02/09/2008. Disponível em: http://www.semanadojornalismo.ufsc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=79:entrevista-com-arthur-dapieve&catid=45:7semana&Itemid=59. Acesso em 13 nov. 2012.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico; o suicídio**. Tradução de Miguel Lemos São Paulo: Abril, 1973.

FLORIDO, Janice (Coord.). **Platão: vida e obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

FOLHA. São Paulo: Outubro, Caderno “Sinapse”, de 12-10-03. fls. 3.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte: Metafísica do amor, do sofrimento do mundo**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

SUICÍDIO, literatura e sociologia. **Revista Espaço Acadêmico**. Publicado em jan. 2005. Disponível em:

<http://www.espacoacademico.com.br/044/44eozai.htm>. Acesso em 13/11/12.